



Memórias da Colônia: bruxas e benzedeadoras na história oral e o no ensino de história

Malcon Gustavo Tonini¹

Resumo: Narrativas aguçam a curiosidade acerca das continuidades históricas com o passar do tempo. As palavras transmitidas, por meio da oralidade, conduzem a uma herança ancestral valorizada por culturas locais, e por isso transmitidas entre as gerações. O objetivo deste artigo é discutir história oral a partir de memórias, problematizando a forma como são construídas apresentações e interpretações, e como descrições são influenciadas pelo processo de rememoração. Essa discussão será feita a partir de pequenas histórias produzidas no ensino de história, por entrevistas conduzidas por estudantes que fazem parte do projeto escolar “Memórias da Colônia”, em vigência, que fabrica e provoca o conhecimento histórico, no distrito de Tigipió, São João Batista, desde o ano de 2019. A relevância desse trabalho está na metodologia desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em História, para que a investigação histórica e seus desdobramentos pudessem produzir História, a partir da memória de pessoas comuns, muitas resistentes à alteridade e à mudança, quando a temática está relacionada às representações femininas, ainda muito vinculadas a posicionamentos construídos durante o processo colonizador na região.

Palavras-chave: Ensino de História; História oral; História local.

Introdução

A proposta apresentada nesse texto está inserida nas reflexões desenvolvidas em minha dissertação² de Mestrado. Em minhas atividades enquanto docente na Escola de Educação Básica (EEB) Profa. Lídia Leal Gomes³, localizada em Tigipió⁴, interior do município catarinense de São João Batista⁵, desenvolvi o projeto escolar e

¹Mestre em Ensino de História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professor da Educação Básica da rede pública do Estado de Santa Catarina. E-mail: malcongustavo@hotmail.com.

² Esse artigo contém recortes da minha dissertação de mestrado intitulada Memórias da Colônia Nova Itália/SC: Diálogos entre história oral, memória e ensino de História, defendida no ProfHistória - Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em 2021, sob a orientação da Profa. Dra. Cristiani Bereta da Silva.

³ A EEB Profa. Lídia Leal Gomes está localizada a 14 km da região central do município de São João Batista, às margens da rodovia SC-108, no trajeto que liga a cidade ao município de Major Gercino. A Escola fica em área rural, atendendo aos bairros mais afastados da região central do município e possui laços enraizados por tradições antepassadas, sendo que a maioria dos estudantes possui familiares que descendem dos primeiros imigrantes europeus que chegaram à região.

⁴ O distrito de Tigipió, na cidade de São João Batista, é a região que integra os limites territoriais que na primeira metade do século XIX fizeram parte da Colônia Nova Itália, instituída durante a Regência Una do Padre Feijó.

⁵ O município catarinense de São João Batista está localizado a 79 km de Florianópolis, capital, fazendo parte da microrregião dos Vales dos rios Tijucas e Itajaí-Mirim, integrando a Grande Florianópolis e tendo em seus limites as cidades de Antônio Carlos, Biguaçu, Canelinha, Major Gercino, Nova Trento e Tijucas.



acadêmico⁶*Memórias da Colônia*⁷, que oportuniza interpretações e construções de perspectivas históricas com origens diversas. Nesse projeto procurei usar da metodologia baseada no uso de história oral para a construção do conhecimento histórico. A metodologia é importante para a compreensão das disputas de memória e de diversas manifestações culturais (tradições e rituais partilhados) relevantes para as pessoas, em uma localidade que se desenvolveu com certas peculiaridades e com relativa independência.

O documento é tributário de observações acerca de experiências transformadas em narrativas, com enredos que mencionam tradições orais que abordam práticas que os locais de Tigipió chamam de bruxaria ou benzimento, e que possuem relação íntima com a história da localidade a qual se integra a Escola e seus alunos e alunas. Nesse contexto, levamos em consideração, que durante a História, mulheres, inúmeras vezes foram vistas como desiguais. Devido influência de uma sociedade machista e patriarcal a elas foram atribuídas determinações históricas discriminatórias baseadas em uma herança mitológica que permeia o imaginário, de muitas pessoas, mantendo vivas crenças ancestrais trazidas pelos europeus durante o processo colonizador. Aqui analisamos o papel da mulher em uma sociedade que se constituiu a partir da colonização italiana na região, no século XIX, por meio da problematização de memórias, na forma de narrativas textuais produzidas por estudantes, após entrevistas, e apresentamos conclusões fruto de discussões e leituras durante o ensino de história.

Esse artigo considera conceitos e a proposta pedagógica desenvolvida no projeto *Memórias da Colônia*. Proposta que contempla a análise de narrativas textuais, aqui entendidas como vestígios do passado. A história oral, nesse caso, incentivou a prática da construção do conhecimento, protagonizando a mulher como agente histórico. Por meio de fontes documentais e entrevistas que abordam interesses históricos que rotulam práticas consideradas feitiçaria, demonstro que sujeitos comuns e suas próprias versões históricas

⁶O projeto acadêmico foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UDESC sob o parecer 3.670.930 em 30 de outubro de 2019, e foi contemplado pelo Programa de bolsas de pós-graduação UNIEDU/FUMDES, vinculado a Diretoria de Planejamento e Políticas Educacionais da Secretaria de Estado de Educação (SED) de Santa Catarina.

⁷ O projeto *Memórias da Colônia* foi iniciado no ano de 2019, como proposta para levantamento e criação de fontes históricas a partir do trabalho docente. As sequências didáticas utilizadas durante as aulas de História, que fazem parte de meu planejamento anual, desde 2019, e todo processo de execução, com detalhes, pode ser encontrado em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/705661>.



podem contribuir para a compreensão da história do local, e dos papéis atribuídos as mulheres que viveram no território que um dia integraram o Núcleo Colonial Imperial Nova Itália⁸.

O feminino no ensino da história local: memória e narrativa

Quando produzo história local junto aos estudantes, objetivo fornecer elementos imprescindíveis para a compreensão de elementos que possibilitam um exame crítico das grandes generalizações de nossa História, não apenas nacional, mas também ocidental. Na narrativa histórica que toma o lugar, em todas as suas implicações e interações sociais, como objeto e referência do conhecimento, é possível delinear o espaço local tanto em sua dimensão político-administrativa (município, bairro, distrito, colônia) quanto no que diz respeito à ação de instituições como a escola ou igreja:

[...] ao tomarmos como objeto o local [...], esperamos que as experiências refletidas sobre o território e a vizinhança contribuam para a reflexão dos valores culturais ali presentes, abrindo novos horizontes para a afirmação e transformação dos mesmos (REZNIK (2010: p.92).

Segundo Luis Reznik (2010), ao se enfatizar espaços e sujeitos ampliamos a reflexão histórica. O lugar se completa pela interlocução das narrativas constituídas pelas experiências individuais e coletivas ali construídas. Detalhes insignificantes, na busca de “grandes contornos”, adquirem valores e significados que compartilhados pelos ocupantes na ação da própria ocupação, inscrevem suas marcas. Relações sociais são elaboradas cotidianamente e se fazem presentes em bairros urbanos ou rurais, ou ainda em centros de povoamento como um núcleo colonial ou aldeamento indígena, contribuindo com esse processo.

Nesse sentido, o local é um lugar de sociabilidade onde o conjunto de relações cotidianas individuais e coletivas, praticadas cara a cara e imediatamente expressam-se por meio de relações de complementaridade, favorecendo o diálogo entre o passado, o presente e o futuro:

Ao eleger o local como circunscrição de análise, como escala própria de observação, não abandonamos as margens, os constrangimentos e as normas, que, regra geral, ultrapassam o espaço local ou circunstâncias reduzidas. A escrita da história local costura ambientes intelectuais, ações políticas,

⁸ Documentada em 1835 e ocupada em 1836, na maioria, por imigrantes com origens em territórios que hoje fazem parte da República Italiana. A Colônia Nova Itália foi um empreendimento colonial privado, ocupado por imigrantes provindos do Reino da Sardenha, que partiram do porto de Gênova para fazer o povoamento da região que hoje pertence ao interior do município catarinense de São João Batista, sob a tutela do Estado Imperial brasileiro (BOITEUX, 1998).



processos econômicos que envolvem comunidades regionais, nacionais e globais (REZNIK, 2010: p. 92).

Ainda de acordo com esse autor, os recortes da história local privilegiam a investigação em diferentes níveis em que se traçam e constituem relações individuais e coletivas. Esse campo de pesquisa é prerrogativa de análise em sentimentos de pertencimento e de vínculos afetivos. O lugar é uma área apropriada afetivamente, o que transforma um espaço indiferente em significativo. Com a vivência e com as relações sociais, sujeitos partilham de valores comuns e necessitam estar ligados como grupo e com o lugar a partir dessas apropriações afetivas. O que começa como espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Diante da possibilidade de se trabalhar com uma realidade mais próxima, o ensino a partir das narrativas do projeto *Memórias da Colônia* apresenta-se como um ponto de partida para dar sentido à compreensão histórica sobre Tigipió, e sobre os personagens que fazem parte das pequenas histórias, que nos revelam os modos de pensar e agir da sociedade colonizadora oitocentista, que nos deixou heranças, por desejo coletivo, enraizadas na vida das pessoas que vivem no, agora, Distrito Municipal pertencente a São João Batista.

A prática da história oral, em Tigipió, nos faz entender o espaço, e como os sujeitos o transformaram. Essa direção oportunizada pelo processo de ensino-aprendizagem baseia-se na promoção do entendimento de semelhanças e diferenças, de permanências e transformações na localidade da qual os estudantes da EEB Profa. Lídia Leal Gomes fazem parte, abrangendo seu modo de vida em âmbito social, cultural e econômico. O local é o espaço primeiro da atuação do indivíduo, por isso, ensinando história local dialogando com história oral permito um novo olhar acerca do saber histórico, oportunizando a reflexão acerca das ações dos que vivem na localidade e de seus posicionamentos. É importante se falar de mulheres nesse contexto, subvertendo o ponto de vista sobre elas, pois são sujeitos históricos, muitas vezes, oprimidos por discursos surgidos em âmbito colonial. Uma das ideias é de mostrar presenças e ações de excluídos pela historiografia, como muitas mulheres, apresentando a plenitude de seus papéis e a existência de seus poderes e influências, por meio da memória.

Memória é um conceito valioso para quem trabalha com história oral, pois narrativas são impulsionadas por recordações, sendo muitas delas, impulsionadas por tradições orais, que podem ser compreendidas conceitualmente por meio de Verena Alberti (2004, p. 24)



como “[...] um patrimônio que o grupo detém e que é parte importante de sua identidade [...]”. Concordando com Reznik (2010), o local da pesquisa aqui abordada, Tigipió, um antigo núcleo colonial que recebeu europeus no século XIX, relacionado às lembranças de moradores, que pouco conhecem das nuances da História, inferiu “[...] nos mecanismos psíquicos que sugerem certas recordações [...]”. Essas lembranças foram documentadas por estudantes, em textos com informações fruto de entrevistas com moradores enraizados na comunidade, e:

Desta forma, podemos compreender que a memória é um processo social, pois, tudo que nos cerca informa as lembranças que conduzem as nossas vidas por meio de grupos em que estamos inseridos [...]. Lembrar e esquecer são atos fundamentais para a constituição de laços sociais (RESNIK, 2010: p.90).

As *Memórias da Colônia* são muito ricas em suas manifestações. A Colônia Nova Itália e os sentimentos relacionados à sua continuidade, mesmo que residuais, ancoram as memórias da comunidade. Narrativas com sentimentos ligados intimamente a signos voltados para o passado, mesmo influenciados pelo presente, são constantes. Essas manifestações, nesse trabalho, são investigadas por uma prática histórica em que as mulheres são posicionadas, em um passado que renegou sua importância. O papel atribuído para a figura feminina passa muitas vezes despercebido, nas histórias relacionadas às tradições remanescentes da colonização, em uma lacuna criada por tradição ou fator político. Não temos nomes para analisar, mas temos percepções sobre as práticas cotidianas das mulheres no contexto da história colonial no interior de São João Batista, como aquelas relacionadas ao curandeirismo, por exemplo. O retrato de mulheres nas histórias, nas muitas das vezes, é o de isentas de vontade própria, de pessoas que cumprem estritamente seus deveres domésticos, restringindo a sua vida ao lar e a religião. Mas o que devemos apresentar aqui é justamente uma nova perspectiva sobre o papel da mulher em vilas isoladas do mundo, onde doenças eram causadas por espíritos malignos, lançados pela feitiçaria de “bruxas” e que proliferavam por toda parte. Feitiços esses, que também eram combatidos por influências mágicas, estratégias das “benzedadeiras” para o alcance da cura, reforçadas por orações, invocações de santos católicos e objetos considerados sagrados.

Das bruxas as benzedadeiras: o protagonismo feminino durante a colonização



A colonização europeia em São João Batista deixou marcas ainda conservadas e facilmente encontradas nas narrativas do projeto *Memórias da Colônia*, e que estão mantidas no espaço social em vários aspectos. A participação feminina na construção histórica ao longo do século XIX é vista pela historiografia oficial de forma desigual a de outros sujeitos que participaram do processo de modificação do espaço onde hoje é o distrito de Tigipió. De modo geral, segundo Michelle Perrot (1989, p.9), “No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues.”. Vistas como desiguais e sob influência de uma sociedade machista e patriarcal, tradicionalmente, ao feminino são reservadas apenas poucos espaços em narrativas sobre o passado, geralmente como “alegorias ou símbolos”. No século XIX, e posteriormente, inclusive em escritos produzidos e relacionados a imigração europeia e as vilas⁹, cujos territórios hoje fazem parte de São João Batista, poucos registros sobre figuras femininas foram feitos pelos historiadores, e por escriturários da época, como padres, juízes e outros administradores. Um silêncio, que de acordo com Perrot (1989) excluiu a mulher de lugares considerados importantes na História. Quando mencionadas em documentos, estão à mercê da estranheza, onde a raridade em si no protagonismo, lhes causaram estereótipos que promoveram atribuições e determinações históricas discriminatórias, baseadas em uma herança mitológica que permeia até hoje o imaginário de muitos moradores da região.

As bruxas, tão mencionadas por estudantes e pessoas entrevistadas, são mulheres vitimadas por não estarem de acordo com o que aquela sociedade tradicionalista cristã e colonial, que participou da ocupação de Tigipió, pregava como papel feminino. De certa forma, informações supersticiosas moldadas pela imaginada fragilidade do feminino que confirma uma suposição de inferioridade e vulnerabilidade da mulher. Ao problematizar discursos como esse, constatamos que mulheres acusadas de bruxaria, não passavam muitas vezes de mulheres solitárias ou que praticavam atividades consideradas supersticiosas pelos locais. Existiam certas regulamentações por tradição, que acompanharam os europeus até a América, que compunham certa unidade conceitual sobre a mulher, e que tentava ser imposta pela Igreja que, também no Brasil, era muito influente perante a sociedade por intermédio do Estado Imperial, já que o catolicismo¹⁰ era a religião oficial e dominante. Na escrita da aluna

⁹ As vilas de Boa Vista, originada como centro administrativo da Colônia Nova Itália, e São João Batista do Alto Tijucas-Grande, pertenceram, cronologicamente, aos municípios de São Miguel da Terra Firme, hoje Biguaçu, e ao município de São Sebastião da Foz do Rio Tijucas, hoje Tijucas. A emancipação política de São João Batista aconteceu no dia 19 de julho de 1958.

¹⁰ Os imigrantes sardos que chegaram para formar a Colônia Nova Itália eram católicos, e chegavam para habitar um Império católico. Quando chegaram as terras a eles oferecidas, não havia igrejas ou oratórios em meio à



Vitória Peixer, a seguir, o episódio XII: *Uma bruxa na Colônia*, um dos textos produzidos para a IIª Temporada do projeto *Memórias da Colônia*, em 2020, isso fica explícito ao se analisar os relatos:

UMA BRUXA NA COLÔNIA: Em noites de lua cheia, os moradores da Colônia supostamente escutavam barulhos estranhos: urros, risadas, relinchos, agito. Quando isso acontecia, sabiam que a bruxa estava solta, colocavam a vassoura atrás da porta, a tesoura debaixo do travesseiro, tudo isso para a bruxa não aparecer nas suas casas. Segundo as crenças locais, as temidas bruxas não gostavam dos bebês, incomodavam a noite inteira, não os deixando dormir. No dia seguinte a “visita” delas, as mães encontravam seus filhos cheios de marcas roxas. A procura por benzeduras contra bruxarias na região era frequente. Quando coisas estranhas aconteciam durante a noite, a curiosidade e o medo tomavam conta da Colônia. Entre as conversas acusavam uma mulher moradora da localidade de bruxaria, e isso porque ela se vestia sempre toda de preto, um hábito pouco comum entre os moradores. Em uma determinada manhã, Demétrio encontrou suas cercas destruídas, os cavalos haviam fugido para o pasto do vizinho. Demétrio estava assustado, seus cavalos estavam com tranças na cola e na crina. Seus relatos colocavam pavor nas pessoas, e por isso, alguns moradores resolveram em toda lua cheia ficarem à espreita, para ver se avistavam algo sobrenatural. Em uma determinada noite dessas, Demétrio, Chicão e Pedro resolveram adentrar a mata em torno da vila, e depois de alguns minutos de caminhada encontraram uma pobre senhorinha que vivia sozinha, desde que seu marido havia falecido, era a tal mulher acusada pelo povo de ser bruxa. Os homens ali então constataram o motivo de suas vestes negras e após conversarem com ela, souberam que toda semana de lua cheia a viúva saía para fazer suas orações solitárias, aproveitando o céu iluminado (Vitória, 17 anos, aluna da 3º série do Ensino Médio, 17/07/2020).

Narrativas como a da aluna Vitória aguçam a curiosidade acerca das continuidades históricas com o passar do tempo. A estudante apresentou valores e comportamentos vivenciados por muitos homens e mulheres de Tigipió. Moradores das localidades do interior de São João Batista foram influenciados por um imaginário popular, que é permeado por crenças que condenavam o que ou quem não se enquadrava nos valores dominantes na Colônia. Apesar da influência religiosa europeia, a questão da feitiçaria teve contornos um tanto quanto particulares. O imaginário dos colonos, além de carregados por crenças religiosas, ainda contava com a insegurança perante a natureza desconhecida. Ruídos de todo tipo, barulhos estranhos como relata Vitória, eram algo propenso a ser relacionado ao mundo

mata. Por tradição, para manterem suas obrigações, religiosas, optaram por construir um pequeno oratório, dedicado a São José. No local pediam graças e buscavam milagres, pois estavam muito confusos e aflitos por terem chegado a uma terra desconhecida, e por isso, a religião “italiana” lhes deu rumos para compreensão daquele mundo.



da magia. A representação negativa do feminino é uma tradição que fez sociedades perseguirem mulheres.

Falar de bruxas é algo muito presente nas relações sociais da comunidade pesquisada, e a presença da bruxa e de assombrações atribuídas a ela, ainda aparecem de maneira atualizada em conversas cotidianas, sendo que nem sempre o discurso sobre bruxa é feito no tempo passado. Falar da bruxa é falar de um poder discriminatório ainda presente na comunidade, e nem sempre essa fala vai de encontro ao medo de ações maléficas atribuídas a uma feiticeira, até porque nesse contexto, na maioria das vezes em que ela é apresentada, toda mulher é uma bruxa em potencial. O que pode definir isso são suas ações e a maneira como podem ser vistas pelo meio social, como podemos perceber no texto da aluna Julia Nascimento, a seguir, o episódio VIII: *A bela moça*, um dos escritos produzidos para a IIª Temporada do projeto *Memórias da Colônia*, em 2020:

A BELA MOÇA: Há muito tempo atrás, na localidade de Arataca, um lugar com poucos habitantes e que fizera parte dos limites da antiga Colônia. Os que ali moravam eram famílias simples, todos vivendo de um único sustento, a agricultura ou a extração de madeira que predominavam naquela época. Uma das famílias que moravam ali eram os Peixer, todos bem conhecidos. Moravam bem no final do Arataca, todos os dias acordavam cedo para trabalhar na roça com plantação de aipim, mas sempre uma das mulheres da casa, ficava para fazer os serviços domésticos. Sempre foi uma família grande, assim a mulher passava a manhã lavando roupa, limpando, costurando e fazendo comida para quando estivesse perto do meio-dia, pudesse levar comida para aqueles que foram trabalhar. E assim passavam os dias. Havia alguns boatos naquela época. Um que falava de uma bela moça que morava ali perto e que estava sendo acusada de bruxaria. Dona Nina, a senhora mais velha da casa ficou surpresa, dizia que segundo as crenças antigas, que se fosse colocada uma vassoura atravessada na porta nenhuma bruxa entraria. Pois foi o que Dona Nina fez, convidou a moça para almoçar em sua casa no final de semana. Ao chegar o dia, Dona Nina preparou a comida e deixou tudo pronto, colocando a vassoura atravessada na porta. A bela moça chegou e todos a receberam bem. Quando Dona Nina a convidou na porta para entrar, ela não quis, recusou dizendo que precisava ir embora. Ao passarem os dias a moça foi embora da comunidade para nunca mais voltar (Julia, 17 anos, aluna da 3º série do Ensino Médio, 19/06/2020).

A “bela moça”, na história de Julia sendo acusada de bruxaria, provavelmente sofria por ser considerada bonita, o que atraía a atenção das pessoas da comunidade, quem sabe despertando paixões e por isso, preconceitos. Nos tempos da Colônia, havia um desconhecimento sobre o corpo feminino e sua fisiologia, e, portanto, os corpos das vistas como belas mulheres abriam caminhos para a imaginação sobre suas influências sobre



homens e outras mulheres. A associação da beleza com a bruxaria, de acordo com Freitas Neto (2004), acentua a mitologia sobre a perversidade feminina, sendo um argumento antifeminino que salienta que mulheres costumam utilizar artimanhas para levarem homens ao erro.

O que podemos acompanhar nos textos escolares que falam de bruxas, são manifestações com origens no meio colonial que acabaram contribuindo para a ocultação de muitas mulheres como agentes históricos. O estudo das histórias nas entrelinhas dos textos, de Vitória e Júlia, por terem sido objeto de estudo em sala de aula proporcionaram, aos estudantes, reflexões sobre o papel político que credices tiveram no lugar onde vivem e sobre as suas influências na atualidade. O que segundo Reznik (2010, p.92) é um exercício de pensar e repensar o passado, possibilitando a reflexão sobre a ocultação do protagonismo feminino, não somente durante o processo colonizador, mas ao longo da História.

O medo depositado na bruxa fala de um poder presente em qualquer mulher da comunidade, e foi por meio dessa crença, em atribuídos poderes femininos, que muitas bruxas foram embora do imaginário dos colonos, ou simplesmente foram se transformando em curandeiras a serviço da localidade. O que outrora foi bruxaria, com o tempo passa a ser feitiço de combate a ela. E é esse poder que detém a benzedeira, uma personagem marcadora de transformações profundas vividas pela comunidade. Benzedeiros sempre fizeram parte de histórias contadas em Tigipió, e em São João Batista, de maneira geral, mas poucos registros historiográficos existem sobre elas, sendo que essa tradição foi trazida para região pelos primeiros imigrantes europeus, e era prática comum em seus locais de origem (BOSO, 2012). O poder supostamente atribuído a uma benzedeira é o que a torna capaz de praticar suas habilidades em meio ao tradicionalismo patriarcal e do liberalismo, já que uma curandeira não faz parte da evoluçãoda instituição familiar e muito menos serve aos interesses econômicos do progresso. Com base nos estudos de Jacques Revel (2010) sobre Giovanni Levi (1985), se discutirmos à “vivência” reduzindo o campo de análise para a história social, constatamos que essas mulheres dispunham de recursos em meio àquela organização comunitária, o que as levaram a se reorganizarem nesse mundo, para sobreviverem e reforçarem a sua situação, suas habilidades, valores e fé. Fizeram escolhas em meio a um número restrito de possibilidades, permitidas pelo universo em que estavam inseridas, até porque não eram tão livres para fazerem o que quisessem no lugar e no recorte temporal em que viviam.



Na Colônia Nova Itália, dificuldades, doenças não compreendidas e novas realidades encontradas durante a colonização, muitas vezes, eram associadas a origens sobrenaturais, como às bruxas e aos seus poderes mágicos. O empreendimento colonial, por muito tempo esteve distante da realidade paroquial, e apesar da presença inconstante de um médico, o Dr. Henrique Ambauer Schutel¹¹, procurou meios alternativos para ter em sua população, algo próximo ao que seriam cuidados médicos. Foi nesse contexto, que se desenvolveu o curandeirismo, inspirado muitas vezes em “feitiçarias” advindas das culturas indígena e africana. Muitas mulheres, anônimas, se dedicaram nesse período histórico a buscar conhecimento, onde podiam, para que muitos não morressem de “dor de barriga” ou de “febre”. Os remédios naturais, manipulados por benzedadeiras, representaram um alento aos colonos e moradores da região, de Tigipió, por muitos anos. Mulheres combateram “bruxaria” e diversas enfermidades, servindo a muitas necessidades da carente comunidade. Benzeram e produziram garrafadas de ervas e chás com conhecimento que até hoje é pouco valorizado. Eram curas mágico-religiosas, que podem ser descritas pelas palavras de Ivette Marli Boso (2012, p.147):

Através de práticas mágico-religiosas, constituídas de invocações e encantamentos, de preferência reforçadas por orações ou invocações aos santos taumaturgos, gestos simbólicos, objetos sagrados, o homem tenta agir sobre a realidade natural, para ordenar ao mal que abandone o paciente, trazendo novamente ao corpo o equilíbrio perdido.

Emilly do Nascimento¹² nos conta um pouco dessa tradição e de como ela é geralmente transmitida entre familiares, no episódio VI: *As benzeduras*, da 1ª Temporada do projeto *Memórias da Colônia*, em 2019:

AS BENZEDURAS: A vida na Colônia Nova Itália era muito diferente em tempos passados. Hoje possuímos costumes muito distintos dos daquela época. Alguns desses costumes permanecem até hoje, mas alguns se perderam com o tempo. Um costume antigo que muito chama a atenção são as benzeduras, pois, pelo fato de não haver médicos naquela região, era comum que existissem curandeiros e benzedadeiras que, da forma que podiam, supriam algumas necessidades médicas mais básicas dos moradores locais. Havia uma moça cuja avó era benzedeira. Demonstrou interesse pela arte das

¹¹ No ano de 1835, o Dr. Henrique Ambauer Schutel, médico, e Carlo Demaria, armador de descendência genovesa, constituíram a firma Demaria & Schutel – Sociedade Particular de Colonização, com sede em Desterro (BOITEUX, 1998, p.10), empresa que viria a ser responsável pelo empreendimento Colônia Nova Itália, iniciado no ano seguinte, onde hoje é Tigipió.

¹² As estudantes Vitória Peixer, e as irmãs Júlia e Emily Nascimento, que são autoras dos textos escolares analisados nesse artigo, já concluíram o ensino médio, e possuem mais de 18 anos. Ambas optaram, por meio de cartas de cessão, em seus nomes completos serem mencionados no artigo.



benzeduras desde muito cedo. Sua avó era uma benzedeira muito conhecida e procurada na região. Todos os dias, muitas pessoas batiam à sua porta para se benzerem e aquilo deixava aquela moça intrigada – Como ela fazia aquilo? Queria aprender aquelas rezas e a confeccionar aqueles remédios naturais que curavam muitas pessoas. Começou cedo a praticar, a princípio de brincadeira, logo depois, passou a auxiliar sua avó naquela tarefa. Começou colhendo ervas medicinais e produzindo alguns remédios e chás. Sua avó sempre estava ao seu lado lhe ensinando sobre as plantas e as propriedades medicinais que cada uma possuía. Certo dia, sua avó, percebendo o real interesse da menina pela arte da benzedura, resolveu preparar a moça para substituí-la futuramente. A moça aceitou o convite, pois havia demonstrado paixão por aquilo. Então sua avó foi lhe ensinando aos poucos tudo o que sabia e, como tradição, a moça seguiu os trabalhos de sua avó, quando esta, veio a falecer. A moça se tornou uma benzedeira tão conhecida como sua avó, e, todos os dias muitas pessoas da Colônia a procuravam para resolver seus problemas. Desempenhava esse papel com muito amor e carinho, que sempre teve por essa arte (Emilly, 17 anos, aluna da 3º série do Ensino Médio, 04/10/2019).

A benzedura¹³, seu ritual e os elementos simbólicos que constituem esta prática tradicional, ainda fazem parte do presente do interior de São João Batista. A crença em benzimentos, chás, garrafadas e simpatias, mantém essa tradição viva na memória das pessoas. Apesar de ainda hoje o imaginário, de muitas pessoas, recair sobre o curandeirismo, devido a insegurança em ter contato com o “diferente” do conhecido, o ser humano, apesar da avançada tecnologia, vê-se vulnerável e recorre a tratamentos que se relacionam a uma concepção do corpo, da doença, da cura e da morte, semelhantes às encontradas na mentalidade de homens e mulheres que viveram durante o período colonial no Brasil. Essa tradição, com práticas africanas e indígenas, muitas vezes demonizadas, foi adaptada por muitas mulheres europeias, durante a colonização de Tigipió, e por isso, os benzimentos fazem parte de muitas narrativas de vida, sendo facilmente identificados pelos referenciais nas trajetórias das pessoas entrevistadas pelo projeto na Escola. A estudante Emilly, quando evidenciou o costume do benzimento em âmbito rural, deu voz a muitas mulheres que foram apagadas da história local, protagonistas em uma tradição que envolve a antiga e ainda presente prática de cura colonial.

¹³ O benzimento é um costume antigo. Benzer vem do latim *bene dicere*, que significa bem dizer. Dizer bem de alguém e fazer o bem. É uma herança do catolicismo europeu, mas no Brasil, a benzedeira passa elementos sincréticos, misturados, com influências indígenas e africanas, ligadas às influências europeias. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2017/11/sabedoria-antiga-dos-benedores-une-plantas-medicinais-oracoes-e-fe.html>. Acesso em 21 jan. 2020.



O enredo, produzido pela aluna, dá visibilidade e reconhecimento a um trabalho informal, que está longe de ser uma das atribuições que a sociedade, do século XIX, conferia as mulheres. Segundo Marcia Peixe Vargas (2019, p.29) o ocultamento da mulher ocorreu “[...] porque eram lhes atribuídos apenas os trabalhos domésticos, dificultando o reconhecimento de sua ação e presença na comunidade enquanto trabalho produtivo.”, e por isso, quando representadas na historiografia, as mulheres apareciam, na maioria das vezes, em situações consideradas negativas, como nas histórias sobre bruxas, contrariando a produção de Emilly.

As experiências descritas no episódio: *As benzeduras*, de *Memórias da Colônia*, estão distantes de uma visão patriarcal da História. São situações que, apesar de remeterem a um passado colonial, são apresentadas pela aluna com novos olhares para os assuntos que envolvem as mulheres. Segundo Silva (2018, p.79), os “antes” de Emilly seriam a justaposição viva de todas as histórias vividas por ela. Concordando com Silva (2018), a estudante transpôs para a escrita, uma história imaginada a partir de referências internas ou externas, pois a tradição do benzimento pode estar relacionada a algo que lhe aconteceu, ou a uma lembrança de algo que tenha ouvido ou visto no seio familiar ou na comunidade onde vive. Uma lembrança sem marcas de preconceitos e onde podemos reconhecer as benzedeadas, como sujeitos da história de Tigipió, conhecendo a sua vida de trabalho e de fazer cotidiano. Os escritos de Emilly, corroboram com o que Boso (2012, p.147) reconhece como um fenômeno de valorização, no que se refere à eficácia farmacológica no uso de ervas naturais e na importância do papel da benzedeadas na ativação de mecanismos psicológicos de autodefesa.

A potência nas palavras no episódio: *As benzeduras*, principalmente, está em colocar a mulher em protagonismo no campo do conhecimento histórico, produzido pelo projeto *Memórias da Colônia*, rompendo com o silêncio, que segundo Perrot (1989), a sociedade impôs para as mulheres. As lembranças, relacionadas ao texto de Emilly, contrariam, de certa forma, o que se espera de uma narrativa que envolva personagens femininas no meio colonial. A estudante optou por falar de mulheres de uma família, que no passado, e até no presente, não foram consideradas corretas e facilmente apontadas pecadoras, que tem o poder de praticar “feitiçaria” com a presença de rezas e santos/as do catolicismo. A estudante usa de palavras que envolvem a figura feminina, sugerindo certas recordações, reproduzidas e caracterizadas pela atuação no interior da casa, envolvendo filhos e dependentes, e que ao



mesmo tempo, é uma imagem do feminino, que entre gestos e interlocuções, burla preconceitos e conseguimos mostrar que o curandeirismo é atuar em prol de fazer o bem a alguém. Emily confirma que a benzedura realizada eminentemente por mulheres e ligada a um universo mágico-religioso colonial, nos faz indagar e compreender uma estrutura social, que se vista de forma mais íntima, pode deixar aparente o quanto as mulheres foram importantes para que hoje possamos pensar nos desejos, alegrias, angústias, sentimentos, tragédias e vitórias experimentadas por aquelas que por direito merecem sempre ser evidenciadas pela história de Tigipió, e de São João Batista.

Considerações finais

A história local que construímos na escola é dinâmica e mobiliza a investigação sobre a maneira como a comunidade de Tigipió relaciona-se com o passado, principalmente quando damos voz aos que Perrot (1989) chama de “deserdados”, aos sem história, como no caso de muitas mulheres. Ao acionarmos esse passado, sob luzes do presente, recuperamos acontecimentos, sentimentos e valores. O projeto *Memórias da Colônia* tem enorme potencial para a escrita e o ensino de História, pois impacta no aprendizado sobre eventos, e também sobre como esses influenciam a vida comunitária. Durante essa experiência, as mulheres, são protagonistas nesse desafio como pesquisadoras, entrevistadas, e sendo personagens em muitas das pequenas histórias produzidas em sala de aula. Na EEB Profa. Lídia Leal Gomes, depoimentos de e sobre mulheres, suas vidas, suas práticas, ao serem estudados foram transformados em conhecimento. Isso demonstra que a História, constituída na Escola, se confirma como agente que possibilita a abertura de horizontes mais plurais, contemplando os ideais de diversidade. O feminino se tornou visível, construiu e acumulou dados e instituiu lugares de memória.

A preocupação, por meio de testemunhos orais, de se exhibir tramas diversas em vários tempos, dando espaço para a diversidade e a pluralidade, cumpriu o objetivo de construir conhecimento por meio da problematização, interrogação e questionamento, mostrando que somos autores e sujeitos da História. A forma como significamos as *Memórias da Colônia* e as ideias que lhe são adjacentes, nos embasa para pensar sobre o ensino de História como campo de ação e intervenção na contribuição no desenvolvimento do pensar historicamente. As vozes dos estudantes, de seus familiares, de seus conhecidos, abriram espaço para contribuições e conclusões, desenvolvendo uma perspectiva crítica sobre o que é abordado em



sala de aula, e devolvendo, um imenso questionamento sobre a vida de muitas mulheres, que até então eram conhecidas como agentes da obscuridade, ou simplesmente ignoradas em suas importâncias históricas.

Referências

ALBERTI, Verena. **O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa.** In: ALBERTI, Verena. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 13-31.

BOITEUX, Lucas Alexandre. In: BOITEUX, Nylson Reis. 2º ed. **Primeira página da colonização italiana em Santa Catarina.** Caxias do Sul: EDUCS, 1998.

BOSO, Ivette Marli. **A medicina popular dos trentinos no Brasil: parteiras, tiraõssi e benzedeiros.** Tradução de Afonso E. Gon. Nova Trento: Associação Beneficente Besenello, 2012.

FREITAS NETO, José Alves de. **Caça às bruxas: Combate aos saberes dissonantes.** In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). Faces do fanatismo. São Paulo: Contexto, 2004, p.49-60.

LEVI, Giovanni. **L'Eredità immateriale: la carriera di un exorcista nel Piemonte del Seicento.** Turin: Einaudi, 1985.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 9, n. 18, 1989, p. 09-18.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação,** v.15, nº45, p. 434-590, 2010.

REZNIK, Luis. História Local e Práticas de Memória. In: PEREIRA, Júnia Sales. **Produção de Materiais Didáticos para a Diversidade: Práticas de Memória e Patrimônio numa perspectiva interdisciplinar.** Brasília: Faculdade de Educação e Centro Pedagógico da UFMG: Caed UFMG/SECAD/MEC, 2010, p. 89-110.

SILVA, Cristiani Bereta da. História Oral e identidade narrativa: algumas questões para a pesquisa histórica. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel; ÁVILA, Edna Ribeiro de; BOROWSKI, Leonardo Braga. **História Oral: democracia, direitos e diversidade.** Porto Alegre: ISCMPA, 2018, p.71-88.

TONINI, Malcon Gustavo. **Memórias da Colônia Nova Itália/SC: Diálogos entre história oral, memória e ensino de História.** Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado Profissional em Ensino de História. Florianópolis, 2021.

VARGAS, Marcia Peixe. **Memórias em movimento: histórias de mulheres do bairro Colônia Nova Itália, em São João Batista – SC.** Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós Graduação em História. Florianópolis, 2019.